



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	A construção do caso como dispositivo de inclusão escolar de alunos de 0 a 5 anos com Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) – Entre o discurso psiquiátrico e a singularidade da experiência
Autor	ANDRÉ LUÍS DE SOUZA LIMA
Orientador	CARLA KARNOPPI VASQUES

A construção do caso como dispositivo de inclusão escolar de alunos de 0 a 5 anos com Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) – Entre o discurso psiquiátrico e a singularidade da experiência

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

André Luís de Souza Lima

Orientadora: Carla K. Vasques

A pesquisa tem por campo empírico as atividades desenvolvidas no curso de extensão *Escolarização de alunos com Transtornos Globais do Desenvolvimento* – realizado pela Faculdade de Educação da UFRGS em parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre nos anos de 2012 a 2014. Dele participaram professores que atuam em escolas comuns de ensino fundamental e no atendimento educacional especializado. O curso apresenta um modo de trabalho considerado *sui generis*, pois cada professor participante desenvolve a narrativa do encontro com um aluno à sua escolha (identificado como com TGD conforme os critérios dos manuais diagnósticos da psiquiatria), retoma a trajetória pessoal e escolar desse aluno, relata o cotidiano da intervenção pedagógica e ensaia os caminhos de uma história única, capaz de auxiliá-lo em sua prática. Essa característica, adotada a partir da noção de *construção do caso* gerada no âmbito da psicanálise, tem como virtude a possibilidade de o professor “redescobrir” a singularidade, um *traço*, dessa relação – e talvez do próprio aluno – por meio dos relatos. É uma aposta deste trabalho, portanto, que por meio dos relatos dos professores seja possível adentrar algo de específico de cada caso, guardado na relação entre experiência e linguagem, que transcende aquilo que, à primeira vista, parece determinante do destino acadêmico (e pessoal) de alunos implicados na educação especial, a saber, algum diagnóstico médico acerca da aprendizagem. A partir disso, encaminha-se a reflexão para o campo da análise epistemológica e da filosofia da linguagem. Há, no ambiente de discussão sobre a linguagem, um problema que diz respeito à descrição que fazem as ciências biológicas a respeito de experiências privadas de percepção do próprio corpo. Desse modo, é comum que se suponha, quando o fisiologista informa que uma dor corresponde à disfunção ou à irritação de certo nervo ou tecido, que seu discurso é, de alguma forma, uma descrição mais específica e mais correta em relação àquilo que é informado pela pessoa que tem a experiência quando esta diz, por exemplo, “estou com dor de cabeça”. A ideia contida aqui é a de que o discurso das ciências biológicas não é capaz de traduzir todas as expressões ordinárias de dor em termos de ocorrências neurofisiológicas. Isto é, ao que parece, há um domínio inalcançável ao discurso que supostamente corrige o que expressa a linguagem ordinária, de modo que resta algo em termos semânticos para a constituição da experiência privada com a dor. Compreende-se, portanto, que existe um ideal *fisicalista* que subjaz a certas formas de lidar e falar sobre formas autopercepção que, no entanto, fracassa no que diz respeito a dar conta de toda a variedade de significados das diferentes expressões dessa autopercepção. Com efeito, a hipótese aventada pela pesquisa, é a de que é possível supor que mecanismo semelhante opera na tensão entre o discurso psiquiátrico, aqui visto como herdeiro do viés fisicalista, e a necessidade de práticas pedagógicas de processos inclusivos que levem em consideração a singularidade de cada experiência.